

UMA HISTÓRIA A PARTIR DA ALDEIA

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Corria o tempo na antiga Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto. Um frenesi de pessoas, de diversas idades, cores e condições sociais, se moviam “feito cobra pelo chão” entre as ruas estreitas que separavam o Largo do Rosário e a Praça da Piedade. Fiéis ansiosos esperavam a saída do cortejo real, o qual levaria o Rei e a Rainha daquele ano, para, com entusiasmo e fé serem acolhidos por todos e serem coroados pelas mãos do padre. Cantos, fogos, repiques e danças completavam o cenário ano após ano, cristalizando-se numa das maiores manifestações de devoção popular já vistos naquelas paragens de Sergipe Del Rey (MONTEIRO, 2016, p. 196).

A epígrafe acima apresenta a dinâmica festiva em uma das mais antigas e importantes vilas da província de Sergipe. Trata-se da pomposa festa de São Benedito da vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, certamente uma das mais expressivas manifestações culturais das camadas populares. A pequena vila, distante dos vales férteis da Cotinguiba e da foz do Vaza-Barris, se tornaria conhecida por sua magnitude festiva, capaz de reunir no mesmo cortejo os diferentes segmentos sociais.

A pujança das celebrações ao patrono dos negros na Vila do Lagarto oitocentista promoveu a constituição de uma paisagem festiva. Reificou os espaços urbanos, com a constituição de territórios de devoção delineados pelo mastro, pelo desfile das cortes negras e pela passagem do andor do sorridente São Benedito cercado de flores e devotos. Além disso, a festa despertou o olhar investigativo de importantes intelectuais do último quartel do século XIX. Sílvio Romero,² Mello Moraes Filho³ e Severiano Cardos⁴ produziram alguns mais relevantes registros acerca das práticas religiosas das camadas populares em Sergipe, tendo como lastro a experiência na festa de São Benedito do Lagarto. Eles foram pioneiros em uma ação que buscava compreender as manifestações culturais dos segmentos populares como fragmentos do passado ameaçados pelo avanço destrutivo da modernidade. De qualquer modo, os referidos intelectuais inauguraram um novo campo de pesquisa.

¹ Professor da UFRN.

² ROMERO, Sílvio. *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983.

³ MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares no Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2002.

⁴ CARDOSO, Severiano. Lagarto: história e costumes. In: *Almanque Sergipano*. Aracaju, 1899.

Inspirado na feitura da história desses intelectuais oitocentistas e na renovação historiográfica empreendida nos últimos quatro decênios, Claudefranklin Monteiro nos apresenta o seu mais novo livro, “Contradições da romanização da igreja no Brasil: a festa de São Benedito em Lagarto (1771-1928)”, resultante de sua pesquisa de doutoramento na Universidade Federal de Pernambuco. O livro emerge como o descortinar uma longa caminhada investigativa no campo da história, na qual o autor palmilhou por diferentes temáticas e períodos, mas sempre buscando manter-se coerente no propósito de escrever sobre a história de sua gente. Sim, o livro de Claudefranklin Monteiro tem como esteio as práticas cotidianas de sua terra natal. É um canto sobre a experiência histórica de Lagarto. Isso não pode, de forma alguma, ser visto como demérito. Pelo contrário, a obra enfeixa uma pluralidade de questões que extrapolam o mundo festivo. Políticas públicas, relações de trabalho, práticas de ensino, artes, folclore, escrita da história e usos da memória circundam as relações sociais da cidade em torno da festa.

Claudefranklin Monteiro expressa bem o caráter dinâmico da nova geração de historiadores oriundos do final do século XX. Sua formação, entre a história e a educação, bem como sua contundente atuação em importantes instituições culturais de Sergipe, como o Movimento Cultural Antônio Garcia Filho e a Academia Lagartense de Letras, elucidam, em parte, as inúmeras vertentes de sua vasta produção acadêmica. Sem sombras de dúvidas, o autor tornou-se notório por suas incursões historiográficas em diferentes espaços, incluindo o exercício do relevante papel de popularização do conhecimento por meio de investidas na rádio, nos jornais e em blogs. Trata-se de um intelectual dinâmico e plural.

Contudo, “Contradições da romanização da Igreja no Brasil” revela um autor diferenciado, com uma escrita mais acurada e desafiadora. Pautada em um amplo lastro documental, o livro pode ser visto como a confluência entre a síntese historiográfica do autor e a inserção do mesmo em uma nova fase de escrita, permeada por uma perspicácia interpretativa que transita entre as diferentes especialidades da história. Claudefranklin Monteiro rompe com os grilhões temáticos. Na ânsia de uma história de Lagarto, ele reconstrói diferentes cenários e ultrapassa os limites de uma história centrada uma única faceta. O autor busca uma compreensão do vivido, das experiências de homens e mulheres do Lagarto de outrora, das mudanças no viver, ser e fazer no interior sergipano.

Trata-se de uma trama costurada entre as rupturas e continuidades, aproximando-se de uma história total. Se, no primeiro momento, a pretensão de Claudefranklin era

escrever a história de Lagarto sob a lupa de três tempos, delineados pela trajetória sacerdotal de Daltro, Vicente e Geminiano; logo nas primeiras páginas o leitor percebe que esse marco apenas delimita a trama central. “Contradições da romanização da Igreja no Brasil” mergulha nas brumas do tempo, provoca inquietações sobre questões aparentemente sedimentadas na historiografia sergipana e repensa a história de seu torrão natal por meio de uma sociogênese dos templos, das imagens devocionais, das instituições religiosas e educacionais, da política e das irmandades. De certo modo, Claudefranklin nos apresenta uma árdua luta contra o esquecimento e elucida o teor da compreensão das complexas conexões existentes no vivido.

Outra virtude presente em “Contradições da Romanização da Igreja no Brasil” é a diversidade de fontes históricas na tentativa de descortinar a história de Lagarto em diferentes momentos. O texto apresenta uma escrita acurada e democrática, sem hierarquizar os registros históricos. Pelo contrário, tanto a historiografia acadêmica, quanto os documentos são tratados como pistas que descortinam novos horizontes e velam intencionalidades. Um indício dessa aventura na operação historiográfica é a discussão na qual o autor costura a leitura do passado local com a produção de textos de memórias ao longo do século XX. Neste âmbito permeado de uma leitura sagaz e sem preconceitos historiográficos, o autor dialoga com historiadores memorialistas e revela as potencialidades desse confronto.

Um desafio que Claudefranklin Monteiro teve que enfrentar foi a desconstrução de memórias já cristalizadas acerca do passado local, bem como apresentar ao leitor uma interpretação original acerca das práticas sociais da irmandade mais estudada na historiografia sergipana. Provavelmente, Lagarto tenha se tornado uma das cidades mais discutidas pela emergente e renovada historiografia local, dos primeiros decênios do século XXI, em decorrência da Festa de São Benedito.⁵ Apesar de ser uma festa muito estudada, o

⁵ São inúmeros trabalhos publicados nos últimos dez anos sobre a Festa de São Benedito em Lagarto, em grande parte resultante de pesquisas monográficas. CARDOSO, Amâncio. Lagarto Barroca: a procissão de São Benedito, Sergipe (século XIX). In: *Jornal Cinform*. Nº 1.068. Aracaju, 29 de setembro de 2003, p. 9. SANTOS, Joceneide Cunha. *Entre farinhadas, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, província de Sergipe (1850-1888)*. Salvador. Dissertação (Mestrado em História), UFBA, 2004. ANUNCIACÃO, Amanda de Oliveira Silva. *Entre as contas do Rosário e a devoção a São Benedito: a iconografia sacra da igreja de Nossa Senhora do Rosário na vila do Lagarto oitocentista*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História Licenciatura) - Faculdade José Augusto Vieira, 2011. NASCIMENTO, Nivaldina Santos. *A ópera barroca: a festa dos patronos africanos em Lagarto oitocentista*. Monografia; (Especialização em Especialização em História do Brasil) - Instituto Superior de Teologia Aplicada; 2011. MENEZES, Naide Almeida. *Taieiras e Congadas: as manifestações*

olhar investigativo de Claudefranklin Monteiro nos revela uma leitura surpreendente, na qual as questões religiosas emergem envoltas em uma trama complexa e aparentemente contraditória. Um exemplo disso é a conexão construída pelo autor entre o processo de desaparecimento da festa e a construção do Grupo Escolar Silvio Romero, ícone da modernidade educacional.⁶ Neste sentido, o autor expressa a existência de uma articulação entre o processo de modernização das práticas educacionais da infância brasileira e o fortalecimento do clero e combate às práticas culturais tidas como incivilizadas.

Esse olhar perscrutador do pesquisador não resultou em uma escrita enrijecida e limitada para a apreciação exclusiva dos pares. Pelo contrário, o livro é permeado por uma escrita leve, atraente e desprovida de formalidades academicistas. Por meio de um texto com teor poético e etnográfico, Claudefranklin Monteiro descreve, com perspicácia, uma das principais manifestações festivas do catolicismo das camadas populares, revelando seus atores e as tensões construídas entre o clero reformador e os brincantes resistentes. A experiência histórica dos diferentes segmentos sociais se torna o pano de fundo das ações de reforma devocional católica empreendidas em Sergipe.⁷

As tensões envolvendo a reforma devocional católica em Sergipe, ao longo dos primeiros decênios do século XX, apresentam enredos polifônicos e polissêmicos, como bem ilustra a emergente historiografia das religiões no estado.⁸ Nesta questão Claudefranklin Monteiro aponta para outras experiências das reformas empreendidas no

folclóricas da Vila de Lagarto no século XIX. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Tiradentes, 2009. SANTOS, Ana Paula Rodrigues. *A Irmandade do Rosário da Vila do Lagarto: um espaço de sociabilidade e cultura*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História), FJAV, 2011. SANTOS, Magno Francisco de Jesus. O fausto dos negros: a procissão de São Benedito em Sergipe oitocentista. *Histórica* – Revista eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Número 50, São Paulo, 2011, p. 1-10. NASCIMENTO, Flávio Santos do. *Andando com fé: os atores e os atos da irmandade do Rosário da vila sergipana do Lagarto (1850-1888)*. Niterói. Dissertação (Mestrado em História). UFF, 2014.

⁶ SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926)*. São Cristóvão: EDUFS, 2013.

⁷ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 6ª ed. Tradução de São Paulo: Paz e Terra, 2011.

⁸ Entre os principais estudos acerca do processo de romanização em Sergipe destacam-se: SOUSA, Antônio Lindvaldo. *O eclipse de um farol: contribuição aos estudos sobre a romanização da Igreja Católica no Brasil (1911-1917)*. São Cristóvão: EDUFS, 2008. ANDRADE, Péricles. *Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe*. São Cristóvão: EDUFS, 2010. BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. *Os padres de Dom José: o Seminário Coração de Jesus (1913-1938)*. Maceió: EDUFAL, 2012. CUNHA, Tatiane Oliveira. *Práticas e prédicas em nome de Cristo: capuchinhos na cruzada civilizatória em Sergipe (1874-1901)*. Salvador. Dissertação (Mestrado em História). UFBA, 2011. SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *“O Prefácio dos tempos”: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX)*. Niterói: UFF, 2015.

interior sergipano, distante da cúpula eclesiástica e revela um processo reformador marcado pelas discontinuidades, de acordo com as preferências pessoais do clero e das relações sociais tecidas entre os irmãos e os párocos. Neste sentido, “Contradições da romanização da Igreja no Brasil” preenche lacunas no âmbito da historiografia local e aponta para novas questões a serem vislumbradas em pesquisas que elucidem paragens ainda não vislumbradas.

Diante do exposto, a nova publicação de Claudefranklin Monteiro emerge como uma obra fundamental para a compreensão do promissor campo investigativo acerca da história das religiões e religiosidades em Sergipe. Preenche lacunas e cria novas possibilidades de pesquisas, revela frestas do passado a serem problematizadas. É um livro para ser lido e discutido. É uma obra na qual desfilam diferentes atores, de épocas distintas, fazendo história. “Contradições da romanização da Igreja no Brasil” é a demonstração que é possível e necessário escrever a história tendo como lastro a cultura histórica regional. É o descortinar do passado lagartense.